

## O progresso como disrupção social em *O alienista* de Machado de Assis e *A nova Califórnia* de Lima Barreto

### Progress as social disruption in Machado de Assis' *The Alienist* and Lima Barreto's "The New California"

Benjamin Chaffin<sup>1</sup>

#### Resumo

*A partir de uma inconsistente concepção de sanidade, o doutor Simão Bacamarte, de O alienista, tenta levar uma vaga noção de progresso ao povoado de Itaguaí, perseguindo a erradicação da insânia. Com sua fé excessiva em uma ciência limitada, e em nome de um progresso positivista, ele impõe uma ideia de progresso que é nebulosa e enviesada, ao mesmo tempo, ignorando seu impacto disruptivo e o que Émile Durkheim descreve como anomie. Em sua novela, Machado de Assis desafia a noção do progresso no auge do positivismo no Brasil, no começo da Primeira República, simulando sua utilização na sociedade. Já em A nova Califórnia, quase três décadas mais tarde, diante da desilusão trazida pelo fracasso do projeto da Primeira República, Lima Barreto também desafia uma fé totalizante na ciência da altura, que tinha prometido trazer grandes avanços de cunho político-social. Se em seu húbriis Bacamarte falha, simplificando a complexidade da psicologia humana, Barreto aproveita a hesitação do conto fantástico para posicionar o leitor num espaço liminar no qual é difícil distinguir entre a ciência e a alquimia. Assim, na misteriosa figura de Raimundo Flamel, o papel de salvador, atribuído à ciência contemporânea e o progresso, desestabiliza o curso da sociedade.*

**Palavras-chave:** Machado de Assis. Lima Barreto. Teoria da disrupção social. Émile Durkheim. Positivismo

#### Abstract

*With an ever-changing conception of sanity, The Alienist's Doctor Simão Bacamarte brings a vague notion of progress to the town of Itaguaí, endeavoring to control and eradicate madness. With his excessive faith in a limited science, and in the name of positivistic progress, he imposes a nebulous and warped idea of progress, while at the same time ignoring the disruptive impact of what Émile Durkheim calls anomie. In his novella, Machado de Assis challenges the notion of progress accompanying the Positivism in Brazil at the beginning of the First Republic by putting its precepts to work in the complex society of the day. In "The New California," almost three decades later and amidst the disillusion of the First Republic's failure, Lima Barreto also challenges a totalizing faith in the science of the time, which had promised great sociopolitical advances. If, in his hubris, Bacamarte fails, simplifying the complexity of human psychology, Barreto makes use of the fantastic's hesitation to position the reader in a liminal space where it becomes difficult to distinguish between science and alchemy. With the arrival of the mysterious Raimundo Flamel to Tubiacanga, the saving role of contemporary science and promised progress destabilizes society's course.*

**Keywords:** Machado de Assis. Lima Barreto. Social Disruption Theory. Émile Durkheim. Positivism

Recebido em: 22/10/2020

Aceito em: 16/02/2021

<sup>1</sup> University of California, Santa Barbara, Estados Unidos da América do Norte. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0737-6521>.

Do final dos 1970 ao começo dos 1980, surgiu uma onda de interesse na sociologia abordando a disrupção social no contexto de *boomtowns* norte-americanos. Os acadêmicos se aproximaram deste tema através de duas ramas teorizadas no século anterior (FREUDENBURG, 1984, p. 698). Por um lado, existia uma linha mais pró-modernização, que realçou o potencial do progresso para libertar o indivíduo, preso a velhos paradigmas.

Por outro, existia uma perspectiva ainda mais antiga, a de Émile Durkheim e o seu conceito da *anomie*, do final do século XIX. Neste caso, um agente de mudança cria uma lacuna socialmente desorientadora, criando um espaço entre o declínio de velhas normas e a chegada dos substitutos delas. Durkheim (2013) primeiro formulou este conceito no contexto de um sistema, particularmente focado em preocupações econômicas.

No entanto, em termos mais gerais, ele considera a sociedade em seus mais diversos aspectos, descrevendo a carência de coesão e regularidade neste estado em que nem a sociedade política nem o Estado podem controlar por completo (2013). “As paixões humanas”, Durkheim escreve, “só param antes de um poder moral que respeitem” (2013, p. 447, tradução do autor)<sup>2</sup>. Convém assinalar também que ele aplica este conceito de *anomie* à forma como vai desenvolver a sua visão sobre o suicídio, cinco anos mais tarde.

Refletindo uma abordagem positivista, sua consideração do suicídio em geral fica principalmente limitada a um modelo sistemático e sociológico. Entretanto, seu capítulo sobre o *suicídio anômico* se ocupa brevemente dos desejos humanos, como distintos dos desejos dos animais (2006). Com a repentina perda de um cônjuge – seja resultado do divórcio ou da morte –, os desejos do indivíduo ficam de repente paralisados, em um estado de *anomie*.

Levando em conta os dois polos teóricos manifestados pelos sociólogos dos anos 1970, Joaquim Maria Machado de Assis e Lima Barreto, nas respectivas obras *O alienista* e *A nova Califórnia*, claramente criam mundos fictícios que se alinham com as ideias de Durkheim e ressaltam a capacidade do progresso enquanto força desorientadora e destrutiva. Contudo, se considerações mais percucientes sobre a natureza humana e a psicologia no nível individual tendem a ser pouco exploradas em Durkheim, isto fica ainda mais manifesto em Auguste Comte, a cuja influência estes escritores estão respondendo ao destacar a complexidade da vida humana em sua ficção. Sobretudo, eles exploram a aplicação destas ideias especificamente no contexto brasileiro.

Nas décadas que antecederam 1889, as ideias positivistas foram amplamente adaptadas e adotadas no país, culminando no projeto de *ordem e progresso* da Primeira República. Em *O alienista* (1881-1882), publicado no ano em que se fundou a Igreja Positivista do Brasil no Rio de Janeiro, Machado de Assis reage contra às correntes positivistas que pretendiam expandir uma ideia de progresso potencialmente problemática. Além de desestabilizarem a sociedade com a mudança em geral, estas ignoravam, em grande medida, a complexidade da experiência subjetiva e perpetuavam um estado anômico com paradigmas não viáveis. Sua novela não somente prediz polêmicas da Primeira República, como atualiza uma antiga questão: a de determinar a sanidade no contexto do campo crescente da psiquiatria.

<sup>2</sup> “Human passions only stop before a moral power they respect” (DURKHEIM, 2013, p. 447).

A concepção e a avaliação do juízo oferecem fortes exemplos de como elementos, às vezes ostensivamente simples, do tecido social podem ser complexos, resistindo à simplificação. Além do mais, mostram o intenso aspecto disruptivo de projetos – talvez com as melhores de intenções – que alteram só um elemento da sociedade. Já no pleno auge do começo do século XX, Lima Barreto também se aproxima da ideia de disrupção social. Ele também corrompe a noção do progresso, mesmo que não seja o resultado de postulações disfarçadas como ciência rigorosa.

Há um elemento insidioso no progresso que ele oferece em *A nova Califórnia* (1910): promete certo avanço econômico que, em vez da prosperidade, traz consigo desordem social. Se é fácil imaginar como o tecido social de uma comunidade pode se deteriorar face aos desastres, tanto naturais como provocados pelo homem, o progresso como força perturbadora se apresenta naquelas duas obras. Engajados com o clima político da época, revelam ambiguidades e complexidades.

## O alienista

No caso de *O alienista*, Machado de Assis mina uma perspectiva histórica do progresso, em parte teleológica, que superlativizava o papel das formulações científicas contemporâneas e o seu desempenho na sociedade em geral. Sua novela conta do projeto de Simão Bacamarte, cujo sobrenome sugere inutilidade e inépcia, e quem, como personagem, serve para revelar as falhas nestes sistemas de pensamento.

Depois de se formar na Europa, este doutor volta para o Brasil, em um esquema que, para David Jackson (2015, p. 212, tradução do autor), representava o “pêndulo do império”<sup>3</sup>. Ainda que seja diferente a dinâmica entre o Brasil e a Europa, comparada com a América Espanhola, o elemento europeu que Bacamarte representa é importante no afã de emular e se provar com uma métrica europeia. Esta dinâmica acrescenta o poder de Bacamarte como “homem de ciência, e só a ciência” dentro do vilarejo (ASSIS, 2016, p. 256). Seu projeto é o de progresso com as “melhores intenções”, ainda que ponha a aldeia em um estado de *anomie*. Oriundo de Itaguaí, ele volta após ter estudado na Europa, se casa e, entendendo de ser de suprema importância sua ciência, começa seu projeto de erradicar a insanidade da população.

Através dos treze capítulos da novela, sua inconsistente noção da *insânia* remodela a vida na vila, enquanto ele interna várias partes do povo em sua Casa Verde – levando, inclusive, a um motim. A principal carência dele como personagem – o que faz dele um bacamarte – é entender tão fracamente as limitações de seu entendimento, à medida que ignora um estado de disrupção social contínuo que ele próprio passa a produzir naquela população. Andrade et al. leem esta carência de entendimento como uma crítica por parte de Machado de Assis ao determinismo científico no naturalismo popular no momento. “O autor”, escrevem, “quis assertivamente mostrar que o método científico não se constituía como um postulado fechado e absoluto na explicação dos fatos, assim como a produção naturalista não se constituía como uma fotografia da realidade humana” (ANDRADE et al., 2014, p. 43). Neste fracasso, que Bacamarte seja um homem de talento extraordinário, pedido por el-rei para reger a Universidade de Coimbra ou gerir os negócios da

<sup>3</sup> “pendulum of the empire” (2015, p. 212).

coroa, fortalece a crítica desta aplicação de sistemas limitados, e sua resultante ruptura social estendida.

Ainda por cima, é uma pessoa de bons valores. É altruísta, auto-diagnosticado e internado por ser tão boa pessoa no final da novela, e a ideia de uma “Casa de Orates”, afinal, faz referência a um hospício fundado nos anos 1850 em Santiago de Chile, que empenhava ser mais humano do que os asilos mentais que havia anteriormente. Em passar por todas suas fases de internar sujeitos em sua Casa Verde segundo diferentes critérios, Bacamarte revela a complexidade humana que desafia os projetos novecentistas que a tudo simplificavam à procura de cientificizar tudo.

Dito isso, talvez não sejam de admirar as conclusões a que chegaram os proponentes destes projetos, dado o cronograma histórico. A formação do campo de psiquiatria parecia exemplificar o modelo de progresso e os três estados propostos por Comte. Tradicionalmente, muitas vezes, a “loucura” – que, como vários já assinalaram, podia incluir a epilepsia de que sofria Machado de Assis – se conectava a um modelo ou de possessão ou de maniqueísmo espiritual. Ainda hoje, esta noção fica reforçada pela religiosidade, geralmente, demonstrada pelos pacientes. No caso do cristianismo, este aspecto religioso seguia o modelo de uma batalha pela alma do indivíduo entre o demônio e o espírito santo.

Os sintomas que acompanhavam a perda desta guerra incluíam os de desespero e angústia (PORTER, 2002, p. 17). Fortalecido por modelos clássicos de pensamento sistematizado, como a estruturalização de Hipócrates e o dualismo cartesiano, que possibilitaram uma concepção mais física da loucura, uma dicotomia forte entre modelos racionalistas e espiritualistas surgiu no século XVII (PORTER, 2002, p. 58). Por sua vez, desencadeada por noções lockeanas de má-associação mental, a aplicação destas ideias se manifestou como progresso na forma de uma proto-psiquiatria que se desenvolveu no século XVIII.

Não é coincidência, então, que Machado de Assis ambientasse sua novela neste período, fazendo um retrato mais completo cronologicamente que sai do esquema prevalecente do momento. Os hospícios também repetem este modelo de transição dos âmbitos religiosos para os científicos. Primeiro, os hospícios eram desenvolvidos nos séculos XIII a XV sob os auspícios da Igreja Católica, com o famoso Bedlam aparecendo na Inglaterra em 1247, estabelecido pela ordem de Nossa Senhora de Belém (PORTER, 2002, p. 90). É neste contexto que o manicômio se torna um foco importante. A explosão da popularidade destes lugares no século XIX – com o Hospício de Pedro II sendo o primeiro no Brasil, e na América Latina, terminado em 1852 – refletia uma sistematização científica das ideias positivistas (PORTER, 2002, p. 112).

Andrade et al. exploram eventos e figuras contemporâneos no momento em que Machado de Assis escreve a sua novela. A publicação da novela em *A Estação*, de 1881-1882, decorre paralelamente à administração do Dr. Nuno de Andrade do Hospício de Pedro II. Demitido no final, Dr. Andrade defendia a autoridade única do médico, e lutou contra a presença religiosa no hospício, insistindo no controle estadual que o separaria da Santa Casa de Misericórdia (ANDRADE et al., 2014, p. 37). No modelo positivista dos três estados, o hospício religioso, assim como uma história longa de explicações metafísicas que, nos termos de Comte, subordinavam o universo ao homem, ia progredindo, mais além do que ele chama de estado teológico, para um estado mais avançado (COMTE, 2001, p. 159). Com efeito, no processo de estabelecer-se como a psiquiatria moderna, o campo começou a se separar de pressuposições religiosas e metafísicas. No entanto, o

perigo em aplicar este paradigma e eliminar antigos modelos é perder de vista a imensa complexidade humana neles escondida, nem que fossem etiquetas errôneas. Na novela de Machado de Assis, o enganosamente simples binário de são e insano mostra-se não só complexo, mas central para a funcionalidade da sociedade, criando uma cascata de estados anômicos do nível íntimo ao nível institucional.

A ideia de enfrentar a dificuldade em se distinguir o são do “louco” no esquema do hospício não é uma inovação no conto “The System of Doctor Tarr and Professor Fether” (1845), de Edgar Allan Poe, conto que possivelmente influenciou *O alienista* (PHILIPPOV, 2011, p. 224). Ao utilizar a frase *semel insanivimus omnes* (“todos nós já fomos loucos em algum momento”) de *The Anatomy of Melancholy* (1621), de Robert Burton, Ruy Porter explica como o hospício de Bethlam, o primeiro da história, era uma atração para visitantes.

No seu primeiro livro, *Folie et Dérison: Histoire de la folie à l'âge classique* (1961), Michel Foucault tenta desconstruir esta dicotomia, traçando os fatores históricos que conduziram à concepção de transtornos psiquiátricos. O autor argumenta que um *tema perpétuo* de exclusão, proveniente da história de asilos da hanseníase, fundamentou a ciência errônea do começo do século XVII neste campo (1896). É essa história de alienação que Machado de Assis aproveita para realizar sua sátira. “The System of Doctor Tarr and Professor Fether”, ambientado na França, já utiliza o tropo de uma revolução.

Embora se alinhe com a tese de Burton e Porter, na verdade, não se assemelha à de Foucault. Podem passar pelos internatos pessoas saudáveis – há loucura e sanidade em todos nós –, mas no final a ordem está ratificada, e os doentes estão doentes. Neste sentido, também seria um erro dizer que o conto de Machado de Assis mina a noção de estar doente como tal, mas é importante sublinhar que a obra desafia os modos deficientes ou precários de se definir o estado do ser humano, e a disrupção social que pode resultar de tal empreendimento.

Uma das principais maneiras de Machado de Assis desafiar esse processo é retratando o fervor da aplicação científica míope, ampliando a vista histórica. Poder-se-ia argumentar que a novela ainda desafia a ideia totalizante de sobrepor um contínuo de um progresso construído em cada aspecto da vida humana. A novela tem um narrador afastado dos acontecimentos da história, que bem poderia falar ao leitor no final do século XIX. Quanto à época dos eventos, sabemos que no conto D. João V está falecido, estabelecendo-se sua morte, em 1750, como o marco inicial da narrativa.

De forma menos direta, temos outras indicações temporais, como o Padre Lopes pensando no “vice-reinado anterior”, sugerindo o período dos vice-reis, 1719-1808. Se o Marquês de Pombal que Martim Brito elogia, de maneira tão desajeitada, está vivo, o conto acontece entre 1750-1782. Dito isso, relegar todas estas alusões espalhadas pela narrativa, carentes de datas, facilita que não se estabeleça um momento histórico exato, dando a impressão de um passado distante e nebuloso. Isto faz parte do discurso alegórico assumido pelo conto, ficando quase um *tale* ou lenda.

Uma das técnicas que Machado de Assis utiliza para alcançar esses efeitos narrativos é a crônica – ou seja, a crônica histórica, uma forma notavelmente arcaica no século XIX. Era considerada, já à época, antiquada, tendo sido substituída por uma noção moderna da história, mais fiel à verissimilitude e às ideias de empirismo. Aqui não se celebram as imprecisões e falsidades,

visto, por exemplo, quando as crônicas descrevem o sistema da matraca e “cascavéis dançando no peito do vereador” (ASSIS, 2016, p. 312).

Cabe dizer que Machado de Assis mina esta tradição quase folclórica também, mas nela encontra uma maneira de subordinar o fervor positivista e sua promessa de retificar todos os problemas sociais a uma história e passado mais amplos. Se a batalha contra a má aplicação do positivismo é, sobretudo, feita na linguagem – como argumenta Antônio Arnoni Prado no contexto de Lima Barreto –, Machado de Assis aqui dá voz a um discurso alternativo. Uma e outra vez, o narrador lembra ao leitor que a fonte da narrativa são as crônicas de Itaguaí.

A primeira vez em que aparece uma referência a elas, estabelece-se a ideia de um momento do passado pouco definido, tratado como “tempos remotos” (ASSIS, 2016, p. 86). Quando a Dona Evarista enfatiza o descaso de seu esposo para com ela e acaba por se chamar de “viúva”, para conseguir ir ao Rio de Janeiro, os cronistas são citados de novo. Com uma variante da comédia aqui, inclusive ao descrever um momento cotidiano como se fosse digno de uma crônica, esta voz cronista mostra o antagonismo geral entre as normas sociais e a ciência: “Não dizem as crônicas se D. Evarista brandiu aquela arma com o perverso intuito de degolar de uma vez a ciência...” (ASSIS, 2016, p. 227-228).

A ideia de apresentar uma Itaguaí quer do *tale* quer da crônica histórica é reforçar os vastos paradigmas elaborados, desenvolvidos desde os tempos imemoriais. Eles são um mecanismo de defesa contra a *anomie*, seja conectada com mudanças para o bem ou para o mal. Na novela, indiretamente, a ciência – ou o que é visto como o projeto científico do momento – torna-se uma doença ou praga social de superar, tão bem exprimido na subjetividade da ideia de degolá-la. O discurso cronista cria um espaço para introduzir elementos humanos, explorados mais tarde, que faltam no paradigma fomentado pelo doutor.

Quando sua esposa volta do Rio, se descreve assim: “O momento em que D. Evarista pôs os olhos na pessoa do marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais sublimes da história moral dos homens” (ASSIS, 2016, p. 436). Em uma mistura complexa, ridiculariza-se a grandeza do discurso cronista aqui ao passo que ele também é utilizado para acrescentar elementos pessoais e emotivos a um sistema seco e restringido. Apesar das carências de Dona Evarista, inclusive ao desmaiar nos braços do seu marido, ele fica “frio como diagnóstico, sem desengonçar por um instante a rigidez científica” (ASSIS, 2016, p. 438).

Dino del Pino lê tendências românticas no conto e elabora um paralelo entre Bacamarte e Victor Frankenstein (2015, p. 167). Entretanto, se existe tendências românticas nessa obra, é possível dizer que elas são minadas nos momentos emotivos e exagerados narrados em tom cronista, como este do sublime experimentado por D. Evarista. Com efeito, de maneira tipicamente machadiana, o conto opõe exagero com exagero.

Finalmente, citam-se as crônicas para descrever o internamento de Bacamarte e acabar com a história. “Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada” (ASSIS, 2016, p. 1048). A ideia de não se alcançar nada parece, por ser estrategicamente vaga, ganha visibilidade naquele contexto, implicando um fracasso de várias facetas. No contexto específico, a perspectiva cronista possibilita uma ironia com respeito a sua perfeição individual.

Bacamarte não pode adular sua bondade, como ele conseguiu com os pacientes prévios, mas rejeita as relações humanas, tipificado no último momento de repelir sua mulher. Também, de todos, é a pessoa na novela que causa o maior dano. Até o barbeiro Porfírio, paralelizado com o Napoleão, recanta das ações que conduziram à *anomie* social. Incluir esta citação final e a morte de Bacamarte é o ato final de subsumir a “convicção científica” em uma concepção da história mais ampla. A aparência contínua de figuras intelectuais, europeus como árabes, chegando à Grécia antiga, contribui a este efeito.

No final de *The Positive Philosophy of Auguste Comte* (1853), o sociólogo anuncia, “Nenhuma revolução antes pôde chegar perto do grau em que a existência humana fosse modificada sob o estabelecimento completo da filosofia positivista”<sup>4</sup> (COMTE, 2001, p. 549, tradução do autor). Em vez de pensar em *anomie*, *avant la lettre*, prevê que a sua filosofia resgatará a Europa do caos anárquico da primeira metade do século XIX. No entanto, o conto de Machado de Assis complica esta promessa de revolução, e os esforços do alienista ficam na vastidão do passado. É uma coisa que surgiu e desapareceu no contínuo histórico, com a voz do doutor agora só ouvida por intermediários.

Em seu livro, Comte propõe um sistema unificador das ciências e da sociedade. O indivíduo, às vezes, está considerado no contexto da natureza, definido relativo aos animais. Sua antecipação do efeito desta filosofia, até no tratamento de questões de moralidade pessoal, fica dentro de considerações sistemáticas e sociológicas (COMTE, 2001, p. 553). Em geral, o indivíduo parece relegado a um componente da maquinaria grande da sociedade e do progresso. Além de parcialmente perder de vista as metas da sociedade que maximizariam a felicidade e realização individual, ignora a ideia de que esse ser vivo está na beira de um precipício, sempre em risco de cair num estado anômico.

Esta posição atraiu críticas que lhe acusaram de refutar a psicologia como ciência ou tratar a experiência subjetiva como se fosse uma ficção (HAWKINS, 1984, p. 71). Machado de Assis vai ao cerne da questão, situando sua narrativa no nível individual e psicológico. Tal como Del Pino descreve como uma ilusão quixotesca (2015, p. 157), a metáfora central da obra nega a complexidade humana. “Suponho”, fala Bacamarte, “o espírito humano uma vasta concha, o meu fim... é ver se posso extrair a pérola, que é a razão.” (ASSIS, 2016, p. 318).

O ser humano e sua experiência subjetiva ficam reduzidos ao organismo da ostra, e o processo de chegar à razão não incorpora processos internos, mas é algo cirúrgico que produz, na forma da pérola, um produto carente de vida. Bacamarte diz, então, o que ele vê como problemas mentais com generalizações e uma taxonomia inútil. “O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal.” (ASSIS, 2016, p. 158). Sem indagar sobre os detalhes da experiência pessoal e os sintomas, ele procura uma resposta que se aplique ao paciente seja quem for.

O doutor compartilha com Padre Lopes a ideia de que “A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia.” (ASSIS, 2016, p. 322). É assim que nem pode distinguir entre o que é uma doença e o que é um comportamento individual, ele acaba

<sup>4</sup> “No preceding revolutions could modify human existence to anything like the degree that will be experienced under the full establishment of the positive philosophy” (COMTE, 2001, p. 549).

internando quatro quintos da aldeia em sua Casa Verde, seguindo sua nova teoria. Dando ênfase à frenologia e à biologia para explicar as emoções humanas no esquema positivista, ele diagnostica mais de um paciente com uma “lesão cerebral.” (ASSIS, 2016, p. 485).

Também é recorrente o diagnóstico de transtornos inúteis. Decide que o presidente da Câmara de Itaguaí tem “demência de touros” e a sua esposa, “mania suntuária”, quando demonstra mais interesse em se vestir do que o marido acha normal. Talvez o exemplo principal desta falta de consideração do elemento humano é a relação de Bacamarte com a sua esposa, na qual, segundo Elton Corbanezi, o “amor pragmático” e todas as razões práticas que o doutor oferece para se casar com D. Evarista fracassam (CORBANEZI, 2015, p. 225). Ele nega se envolver profundamente com ela no nível individual e idiossincrático, demonstrando um comportamento de indiferença mais tipificado em sua reação a volta dela do Rio, a falta de emoção às lágrimas dela quando ele se interna e o descaso dele quando os Canjicas chegam a sua casa em uma multidão.

Vê-se que o doutor se preocupa pouco com os estados de *anomie* naquela comunidade. O melhor exemplo de seu modelo pode ser visto com o “caso de matraca” e o sistema em Itaguaí para anunciar novidades. Quando Crispim Soares elogia a nova teoria do doutor, que eventualmente resulta no internamento de oitenta por cento da população, este quer seguir a norma e tradição de anunciar a nova ideia pelo sistema da matraca. O doutor responde: “Há melhor do que anunciar a minha ideia, é praticá-la.” (ASSIS, 2016, p. 314). Ou seja, ele se interessa no progresso imediato e renovador sem se preocupar em transpor qualquer lacuna. Machado de Assis foca nesta indiferença, levando a implementação do experimento comteano a um passo mais: o que fazer com o humano e a impraticabilidade da experiência individual quando isto não se encaixa no progresso para o futuro?

Dado o esquema, a reação mais lógica parece ser a exclusão de indivíduos, de aliená-los para seguir com o projeto. Assim, o higienismo que Andrade et al. veem presente na novela, no processo de internamento em geral, fica desviado pela meta de progresso (2014). No esquema que Machado de Assis cria aqui, a novela não trata de decidir quem é doente (embora Machado de Assis se aproveite dessa dificuldade), mas fala do problema de não se considerar a natureza humana na organização social. Em seu cerne, o foco do doutor é a purga de características aberrantes. É assim que os critérios da Casa Verde podem recorrer a uma gama de pessoas que parecem ter problemas psiquiátricos reais, ou até mesmo morais. Terminar a novela com o internamento de Bacamarte serve como a condenação final e a autodestruição de um sistema fracassado.

## **A nova Califórnia**

Vinte e oito anos mais tarde, em novembro de 1910, na grande expansão da Velha República, Lima Barreto segue este fio anti-positivista em *A nova Califórnia*, mas abraçando técnicas da literatura romântica, em vez de miná-las. O conto foi eventualmente publicado como parte da primeira edição de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, em 1915. A obra cultiva uma atmosfera de mistério com a chegada de Raimundo Flamel a Tubiacanga e sua promessa de criar ouro dos ossos dos defuntos. Barreto alimenta uma perspectiva ambígua através de uma estrutura de três seções separadas, nas quais há uma variedade de personagens, que aparecem e desaparecem da história, e rapidamente retratam o vilarejo. Junto com Fabrício, o pedreiro, Bastos, o farmacêutico, e Capitão



Pelino, guardião da ordem social na comunidade, este é um conto em que até a figura mais central pode desaparecer.

Esta ambigüidade e mistério se relacionam com as ideias de Tzvetan Todorov em *Introduction à la littérature fantastique* (1970). Focando principalmente no conto do século XIX, o autor propõe o gênero do *fantastique*, definido pela *hésitation* do leitor em decidir entre interpretações incompatíveis do que se apresenta pouco a pouco no conto. Neste paradigma, concorrem posições opostas de *l'étrange* e *le merveilleux*. Usado como óptica para ler *A nova Califórnia*, vê-se que Barreto aproveitou esta estrutura para posicionar a construção do conceito de “progresso”, deturpando-o e utilizando-o como foco da hesitação, num mundo de novos paradigmas, com a tensão do conto emanando da resultante *anomie*.

Nesta instância, a técnica de separar o conto em seções serve para diversificar os tipos de hesitação que se espera provocar no leitor. Na primeira seção, o leitor, assim como as personagens da obra, fica na dúvida se o misterioso recém-chegado Raimundo Flamel, o grande agente da ruptura social do conto, é, por um lado, o alquimista (caloteiro ou não), falsificador de moedas, potencialmente vinculado a um esoterismo obscuro, ou se é o químico e cientista inovador.

Barreto utiliza técnicas tradicionais para criar essa atmosfera, entre elas um discurso indireto livre, que parece entrar – enquanto apresenta ao leitor um composto de detalhes – na perspectiva da opinião pública. É assim que o autor usa o mesmo tropo de Machado de Assis para realizar sua crítica política. Captura aquele mesmo aspecto alegórico, estabelecendo o modo de um *tale* que prevalece através do conto, e coloca o foco em paradigmas sociais estabelecidos.

Até na primeira descrição do pedreiro Fabrício é possível ver o cabo de guerra que altera a hesitação com uma miríade de detalhes. Evocando aspectos estranhos, observa-se, por exemplo, que na sala de jantar, que funciona como laboratório, o forasteiro tem copos como os da farmácia, e o fato de Flamel convidar Fabrício para entrar em seu lar e, efetivamente, testemunhar todo aquele cenário ganha nuances ocultistas na trama. Pelo lado do maravilhoso, claro, Fabrício – cuja perspectiva fica absorvida na conversa e curiosidade do grupo da bodega de Tubiacanga – interpreta o que vê como a “cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.” (BARRETO, 2016, p. 319).

O porta-voz contra Flamel aqui é o Capitão Pelino, querendo defender sua posição de homem culto na comunidade. No entanto, o efeito de sua nota publicada na *Gazeta de Tubiacanga*, na qual o Capitão chama o recém-chegado, entre outras coisas, de “um caloteiro”, serve para escamotear, diante do leitor, a sua intenção explícita (BARRETO, 2016, p. 342). Ouvir tanto protesto contra um Flamel que não nega nada nem tenta convencer ninguém de nada obviamente reforça a noção de um Flamel de grande poder, e uma ameaça ao *status quo* social.

Sejam quais forem as razões, entre elas a introdução da obra de Edgar Allan Poe, em 1852, por parte de Charles Baudelaire, e uma crescente desilusão com a ciência e o positivismo no *fin-de-siècle*, que conduziu ao decadentismo, a ideia de utilizar a ciência como foco de *hesitação* ganhou mais uso na segunda onda do *conte fantastique* na França, com nomes como Guy de Maupassant e Villiers de L'Isle-Adam. A loucura e as noções europeias da magia se justapõem a um vertiginoso conceito de ciência. Mesmo assim, no contexto do modernismo literário da América Espanhola, o conto fantástico ganha uma rica ambigüidade. Será pela dinâmica, já mencionada, de se querer equiparar à

tradição europeia ou por noções locais em torno do fantástico que a delimitação entre cientista e ocultista resultou tão fraca?

O cientista cavaleiro de Jules Verne e H.G. Wells, levado para a América Latina no modernismo espanhol através do conto fantástico, tipicamente resulta impostor ou uma figura que lida com poderes fora de seu controle, e, como contrapeso, o gênero é infundido com ironia e humor. Barreto, então, em 1910, não é necessariamente original ao traçar essa linha do ocultismo (seja europeu ou indígena) no contexto do Novo Mundo, onde tradicionalmente existia uma dicotomia. “Brasil, terra do *feiticeiro*”, assinala R.J. Oakley, escrevendo sobre o conto e descrevendo esta dicotomia, “era, e ainda é, a terra do *doutor*.”<sup>5</sup> (1983, p. 847, tradução nossa).

Dito isto, incorporar o ocultismo na produção literária para assolar a imagem idealizada da convicção científica difundida pelo projeto positivista naquele momento é particularmente criativo. Se Machado de Assis usa o passado na forma de crônica e, em geral, simula uma voz coletiva do povo, para reposicionar o fervor positivista (e simulá-la na sociedade), Barreto o cumpre usando o elemento folclórico como tradição ocultista. No modelo de hesitação, a primeira seção do conto termina com uma onda de evidências apoiando o lado do *doutor*, o que assinalaria uma mudança de paradigma social.

A mais reveladora dessas evidências é quando o farmacêutico Bastos encontra o nome de Flamel numa revista, que o menciona como “químico de valor” (BARRETO, 2016, p. 361). A técnica talvez mais inovadora de Barreto aqui é acabar essa seção do conto com uma ambiguidade ainda mais pronunciada. Ao mesmo tempo em que Flamel é cada vez mais visto como cientista na hesitação, agente potencial da *anomie*, Bastos se associa com uma tradição antiquada e se vê como *boticário*, criando um paralelo invertido entre o duo.

Ao se examinar a prosa e o objetivo do projeto literário de Barreto, Antônio Arnoni Prado vê “uma literatura social e politicamente militante, voltada para a urgência do cotidiano em mudança e ao mesmo tempo inspirada na redenção do homem e na defesa do trabalhador oprimido pelas distorções sociais” (1976, p. 13). Esta luta ambientada no grande crescimento da segunda década da República Velha tem por alvo a figura de Pelino, que, segundo Prado, representa em sua autoridade didática da “mentalidade acadêmica” estabelecida no país e uma “ordem ameaçada” pela aliança de Flamel e Bastos (1976, p. 35-36).

Além disso, Barreto parece atacar princípios comteanos tão estreitamente vinculados com a Primeira República, ou usá-los para atacar correntes atuais. Se *O alienista* apresenta um experimento disfuncional, *A nova Califórnia* apresenta a natureza do progresso, uma que surpreende a todos e apresenta-se como força que problematiza esquemáticos antecipatórios contemporâneos. A estrutura de *A nova Califórnia* efetivamente utiliza a validade do paradigma positivista da lei dos três estados no contexto do Brasil. Em sua narrativa, a evidência está no fato de Flamel ser um alquimista que se comunica através da opinião do povo, em vez de chegar diretamente ao leitor. Na ambiguidade na estrutura competitiva da hesitação, a cidade de Tubiacanga não consegue distinguir o que é um feiticeiro do que é um alquimista, que reflete um esquema mental do primeiro estado teológico de Comte e o último estado positivista que aceitaria o projeto de Flamel como químico bem-sucedido.

<sup>5</sup> “Brazil, the land of the *feiticeiro* was, and indeed still is, the land of the *doutor*” (1983, p. 847).

Uma profusão de evidências de Flamel como homem da ciência começa a segunda seção, relacionada pela perspectiva de Bastos, quem agora considera Flamel químico. Contudo, o foco da hesitação, com a ajuda das seções separadas da história, muda a se este forasteiro pode criar ouro ou não, em sua visita a botica de Bastos. O problema com um modelo organizador de uma “união” Flamel-Bastos por um lado, e Pelino no outro, é a relação entre Flamel e Bastos, assim como a falta de centralidade oferecida às três personagens na terceira parte do conto.

A dinâmica entre Flamel e Bastos, nesse encontro, não é uma aliança ou conspiração – em vez disso, Flamel segue seu papel independente. Flamel entra na botica, deixando o aprendiz de Bastos espantado e este Flamel, consciente demais de si mesmo, afasta-se de qualquer intimidade com o farmacêutico. No entanto, as ações de Flamel desafiam esta nova evidência e seu papel de cientista. Primeiro, como alquimista, anuncia o experimento para o qual precisa de testemunhas: “Imagine o senhor que se trata de fazer ouro...” (BARRETO, 2016, p. 387).

Embora não propusesse fazer ouro de metais básicos, o *status* dele como homem de ciência é inextricável dos elementos ocultistas quando explica que “temos que lidar com ossos de defuntos e só estes servem” (BARRETO, 2016, p. 401). Ou seja, Barreto revela o que temos visto filtrado pela perspectiva indireta do povoado. No momento revelador, a personagem de Flamel consegue englobar os polos concorrentes do maravilhoso e o estranho por completo, solidificando o ato de minar o esquema de progressão social de Comte.

É neste momento que o foco muda e a segunda seção termina com um resumo vago do experimento. As três pessoas assistiram ao acontecimento na casa de Flamel e, “dias depois, misteriosamente, ele desaparecia sem deixar vestígios ou explicação para o seu desaparecimento” (BARRETO, 2016, p. 413). Prado e Oakley leem esta Tubiacanga como o novo Brasil de figuras como Afonso Celso, atacado por Barreto. Tal interpretação abre porta à ideia de que uma (ou várias) das três testemunhas do experimento assassinaram o “sábio”. Este acontecimento explicaria como eles ficam com a “receita” do forasteiro, procurando cadáveres, e cumprindo-se assim a descrição de Flamel como “Messias”, afetuoso até as crianças e agente com a potencial de acabar com o racismo na sociedade (BARRETO, 2016, p. 338).

Nesta leitura em particular, criar ouro de ossos como tal não é inerentemente negativo. Igual à promessa de Bacamarte, se estivesse aplicado da maneira correta, o projeto tornar-se-ia uma espécie de progresso verdadeiro e repleto de benesses para o povo. Até se encaixa, em termos simbólicos, no paradigma tradicionalista de Barreto. A herança da geração prévia –representada por seus corpos – é bastante valorosa. Em vez de uma ruptura e pilhagem da sociedade e seu passado que Barreto viu na Primeira República, o modelo benéfico da receita de Flamel é de uso controlado e moderado. O problema é que, dados os padrões existentes da sociedade, esta mudança, ou progresso econômico, que parece chegar de uma maneira não antecipada, em vez de dar início a um estado positivista idealista, cria uma *anomie* destrutiva, na qual os paradigmas e a herança do passado (as sepulturas), enfraquecidos, não oferecem estabilidade num mundo de mudança extrema.

Barreto revitaliza a estrutura da hesitação no começo da terceira seção, redirigindo seu enfoque na cena das sepulturas violadas. Desde a perspectiva do coveiro do povoado e as outras personagens, os culpados podem ser cães, pessoas ou o “demônio” (BARRETO, 2016, p. 426). No entanto, isto é uma forma de ironia dramática, em que o leitor sabe mais do que as personagens. Este mistério fica principalmente encapsulado na hesitação da eficaz da receita de Flamel, e Barreto

não revela com certeza total que o processo aurífero de Flamel funcione. A narração aproveita nossa aversão a uma explicação maravilhosa nesta seção, provendo evidência atrás de evidência (jamais conclusiva) de que o ouro existe. Manter esta ambiguidade fortalece um enfoque no comportamento das personagens no povoado. Ou seja, eles são o problema, nesta fórmula de disrupção social, não o ponto de progresso – nem se sabe com certeza se esse existe mesmo.

Em vez de cultivar a hesitação entre a existência do ouro aqui, Barreto favorece um comprometimento completo ao *tale*, e ele usa o reinício da terceira seção para engendrar uma mudança abrupta, que prevê o povoado agora como personagem coletiva. “Tubiacanga era uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes, muito pacífica, em cuja estação, de onde em onde, os expressos davam a honra de passar” (BARRETO, 2016, p. 413). E será esta mesma massa de milhares de pessoas que corre à casa de Bastos no final do conto.

A seleção de uma Tubiacanga contemporânea como ponto de referência, no lado norte da Ilha do Governador, oferece certa polaridade entre cidade e cidade satélite, e esta Tubiacanga afastada existe na sombra da metrópole do Rio de Janeiro. No entanto, como a Itaguaí dos cronistas, esta parece uma Tubiacanga alegórica. A Ponte do Galeão só foi construída em 1949, e os detalhes específicos deste povoado rapidamente se tornam problemáticos. Que expressos passam? Cultiva-se café? Onde é este Rio Tubiacanga com águas claras para cismar “diante da penetrante melancolia do crepúsculo?” (BARRETO, 2016, p. 334).

A perda deste elemento mimético, como em *O alienista*, faz do conto mais universal, e possível de se estender a toda sociedade, de um modo que paradigmas sociais normalmente são reforçados, e não desafiados. Ao mesmo tempo, parece aqui que *Frankenstein*, e os aspectos românticos, perpetuam-se sem propriamente evocar a ironia romântica. Uma Tubiacanga indefinida possibilita o gótico, elemento com uma presença relativamente escassa na literatura brasileira. Tal elemento traz as concepções de anti-progresso e o primitivo inato ao humano, corrompendo seu projeto civilizador.

Tubiacanga, nesta descrição da terceira seção, é uma aldeia idílica qualquer no momento de chegada de uma pestilência. A sintaxe de Barreto imita o discurso gótico quando conta que “Dias e dias por sobre as casas pairavam nuvens negras” (2016, p. 444). O foco da narrativa balança entre o lugarejo paralisado onde se ouvem “barulhos sobrenaturais” e um cemitério do qual “os mortos pediam vingança” (BARRETO, 2016, p. 444). Finalmente, quando são detidos Carvalhais e Coronel Bentes como suspeitos, se comparam a vampiros (BARRETO, 2016, p. 453).

Este uso do gótico, com toda sua alusão ao primitivo, escuro e indomável, reforça o trajeto do enredo até a degradação da sociedade. O fato de ser Pelino a primeira personagem que começa a matar os vivos consolida a leitura de Prado, que o vê como representante da ordem de poder e das correntes da Primeira República. Além disso, Auguste Comte definiu sua ideia de progresso baseado em um paralelo com o mundo animal e falou da *ennui* de civilizações pouco avançadas (2001, p. 149 e 152). A evolução social, para ele, resulta de uma “luta eterna entre nossa humanidade e nossa animalidade”<sup>6</sup> (2001, p. 151, tradução nossa).

<sup>6</sup> “eternal struggle between our humanity and our animality” (2001, p. 151).

Ainda que este paradigma possa ser extremamente complicado, quanto ao que reprimir de nossa natureza, e que não, parece que chegamos de novo ao impasse prático, semelhante ao esquema de *O alienista*. Hawkins escreve que, para Comte, “a diferença crucial entre a natureza animal e a natureza humana é que as faculdades do ser humano são capazes de desenvolvimento”<sup>7</sup> (HAWKINS, 1984, p. 74). Ainda que isto seja principalmente algo positivo, Barreto revela seu lado negativo. É essa diferença, motor do progresso, que nos causa problemas, como Barreto mostra no conto, de uma forma como mais nenhum outro animal é afetado.

Voltando aos pesquisadores sociólogos nos 1970 e 1980, que estudaram o rápido crescimento de pequenas cidades do interior dos Estados Unidos, sublinha-se que eles analisaram uma gama de características, desde a satisfação com a qualidade de vida a padrões de interação entre vizinhos (*neighboring*). Talvez não seja de se admirar que os resultados são muito variados, sem poder extrapolar padrões específicos dadas tantas variáveis. Em geral, o progresso de velocidade razoável, tende produzir efeitos positivos, ao contrário da *anomie* de Durkheim, e os efeitos negativos não se manifestam como nos cenários destas peças literárias.

Em seu estudo, Freudenberg observa problemas psicológicos entre adolescentes, e Park e Stokowski observam efeitos negativos em uma comunidade que mostra uma pronunciada desigualdade (no contexto do turismo). Normalmente, conclui certo estudo, o impacto de um *boom* pode ser facilmente mitigado por ajustes no nível indivíduo (KENNEDY; MEHRA, 1985, p. 111). Machado de Assis e Barreto, então, realizam simulações extremas desse tipo de contexto. A diferença principal seria o progresso corrompido, e surpreendente, agendado por uma presença cripto-política. Ao mesmo tempo, há o Belmiro no final de *A nova Califórnia*, que fica bebendo fora de Tubiacanga, “indiferente” aos eventos “sob o dossel eterno das estrelas,” olhando o rio como símbolo da passagem do tempo (BARRETO, 2016, p. 477).

Parece que, dessa forma, a narrativa sugere, como em *O alienista*, que a história é longa, como as estrelas são eternas, e que tudo vai passar. A narração nos diz que ele é “indiferente” nesse momento, e assim se supera ou se vence o sistema, o que se observa com a morte de Bacamarte. Além disso, Belmiro pode ser um paralelo aos jovens no estudo de Freudenberg e os que estão economicamente marginalizados no estudo de Park e Stokowski, uma figura resignada a um sistema que não lhe serve.

## Referências

ANDRADE, Maria Vanesse; FERREIRA DE LIMA, Aluísio; ALVES DOS SANTOS, Maria Elisalene. A razão e a loucura na literatura: um estudo sobre o alienista, de Machado de Assis. **Revista Psicologia e Saúde**, vol. 6, n.1, p. 37-47, 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-093X2014000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2014000100006). Acesso em: 20 out. 2020.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **O alienista**. São Paulo: Edições Biruta, 2016.

<sup>7</sup> “the crucial difference between animal and human nature is that man’s faculties are capable of development” (1984, p. 74).

BARRETO, Lima. *A nova Califórnia. Lima Barreto completo II: Contos completos*. Amazon, 2016.

COMTE, Auguste. **The Positive Philosophy of Auguste Comte**. Vol. 1-2. Tradução: Harriet Martineau. Bristol: Thoemmes, 2001.

CORBANEZI, Elton. O terror do positivo: *O alienista* e o positivismo comteano. **Plural**, vol. 22, n. 1, p. 209-32, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/102223/0>. Acesso em: 20 out. 2020.

DURKHEIM, Émile. **On Suicide**. Tradução: Robin Buss. London: Penguin, 2006.

DURKHEIM, Émile. **The Division of Labor in Society**. Tradução: Simpson George. Digireads, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Madness and Civilization: A History of Insanity in the Age of Reason**. Tradução: Richard Howard. New York: Vintage-Random House, 1988.

FREUDENBURG, William R. Boomtown's Youth: The Differential Impacts of Rapid Community Growth on Adolescents and Adults. **American Sociological Review**, vol. 49, no. 5, p. 697-705, 1984. Disponível em: [www.jstor.org/stable/2095426](http://www.jstor.org/stable/2095426). Acesso em: 20 out. 2020.

GOMES, Roberto. *O alienista: loucura, poder e ciência*. **Tempo social**, vol.5, n.1-2, p.145-160, 1993. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/ts.v5i1/2.84953>. Acesso em: 20 out. 2020.

HAWKINS, M. J. Comte's Theory of Mental Development. **Revue Européenne Des Sciences Sociales**, vol. 22, no. 66, p. 71-90, 1984. Disponível em: [www.jstor.org/stable/40369542](http://www.jstor.org/stable/40369542). Acesso em: 20 out. 2020.

JACKSON, Kenneth David. **Machado De Assis: A Literary Life**. New Haven: Yale Univ. Press, 2015.

KENNEDY, Leslie W.; MEHRA, N. Effects of Social Change on Well-Being: Boom and Bust in a Western Canadian City. **Social Indicators Research**, vol. 17, n. 2, p. 101-113, 1985. Disponível em: [www.jstor.org/stable/27521318](http://www.jstor.org/stable/27521318). Acesso em: 20 out. 2020.

OAKLEY, R. J. "Triste Fim De Policarpo Quaresma" and the New California. **The Modern Language Review**, vol. 78, n. 4, p. 838-849, 1983. Disponível em: [www.jstor.org/stable/3729494](http://www.jstor.org/stable/3729494). Acesso em: 20 out. 2020.

PARK, Minkyung; STOKOWSKI, Patricia A. Social Disruption Theory and Crime in Rural Communities: Comparisons across Three Levels of Tourism Growth. **Tourism Management**, vol. 30, n. 6, p. 905-915, 2009. Disponível em: [doi:10.1016/j.tourman.2008.11.015](https://doi.org/10.1016/j.tourman.2008.11.015). Acesso em: 20 out. 2020.

PHILLIPOV, Renata. Edgar Allan Poe and Machado De Assis: How Did Machado Read Poe? **The Comparatist**, vol. 35, p. 221–226, 2011. Disponível em: [www.jstor.org/stable/26237273](http://www.jstor.org/stable/26237273). Acesso em: 20 out. 2020.

PINO, Dino del. *O alienista*: loucura, ciência e paródia. **Anamorphosis**: Revista Internacional de Direito e Literatura, vol.1, no.1, 2015, pp. 157-173. Disponível em: <http://rdl.org.br/seer/index.php/anamps/article/view/17>. Acesso em: 20 out. 2020.

POE, Edgar Allan. The System of Doctor Tarr and Professor Fether. **Edgar Allan Poe**: The Complete Collection. Beelzebub Classics, 2019.

PORTER, Roy. **Madness**: A Brief History. Oxford: Oxford Univ. Press, 2002.

PRADO, Antônio Arnoni. **Lima Barreto**: O Crítico e a Crise. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976.

TODOROV, Tzvetan. **The Fantastic**: A Structural Approach to a Literary Genre. Tradução: Richard Howard. Ithaca: Cornell Univ. Press, 1975.